

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E GERENCIAIS

**A HOMOSSEXUALIDADE NO ÂMBITO DO TRABALHO  
DOCENTE: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO EM UMA  
UNIVERSIDADE FEDERAL**

**Anne Porto Souza**

**Mariana, MG**

**2018**

**Anne Porto Souza**

**A HOMOSSEXUALIDADE NO ÂMBITO DO TRABALHO  
DOCENTE: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO EM UMA  
UNIVERSIDADE FEDERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Administração da  
Universidade Federal de Ouro Preto como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Diego Luiz Teixeira Boava  
Coorientador: Profa. Dra. Fernanda Maria Felício Macêdo

Mariana, MG  
2018

S729h Souza, Anne.  
A homossexualidade no âmbito do trabalho docente [manuscrito]: um estudo fenomenológico em uma universidade federal / Anne Souza. - 2018.

37f.:

Orientador: Prof. Dr. Diego Luiz Teixeira Boava.  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. MSc<sup>a</sup>. Fernanda Maria Felício Macêdo.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Econômicas e Gerenciais.

1. Homossexualidade - Teses. 2. Professores - Teses. 3. Fenomenologia - Teses. I. Boava, Diego Luiz Teixeira. II. Macêdo, Fernanda Maria Felício. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

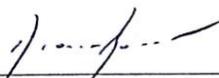
CDU: 613.88

Catálogo: [ficha@sisbin.ufop.br](mailto:ficha@sisbin.ufop.br)

**FICHA DE APROVAÇÃO****ANNE PORTO SOUZA**

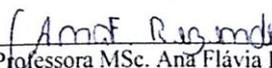
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, como requisito à obtenção do Título de Bacharel.

Orientador: Prof. DSc. Diego Luiz Teixeira Boava

**COMISSÃO EXAMINADORA**

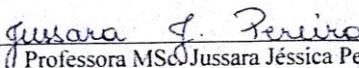
---

Professor DSc. Diego Luiz Teixeira Boava  
Orientador e Presidente da Banca



---

Professora MSc. Ana Flávia Rezende  
Membro Avaliador



---

Professora MSc. Jussara Jéssica Perreira  
Membro Avaliador

Mariana, 12 de julho de 2018.

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente à Deus pela força e coragem de sempre acreditar e nunca desistir. Aos meus pais, Miriam Amaral Porto e Marco Antônio de Souza por todo apoio e incentivo para concluir os meus estudos. Aos seus respectivos companheiros, Fernando Sampaio e Inês Rocha por serem meus segundos pais, amigos e incentivadores. Aos meus irmãos Liara, Tágide e Marco Antônio pelo apoio e incentivo.

Aos professores, Fernanda Macedo e Diego Boava pela paciência, profissionalismo, orientação do trabalho e pela possibilidade de pesquisar um tema tão importante para mim.

Agradeço aos amigos e colegas docentes que aceitaram conceder entrevista para que fosse possível a realização desse trabalho. Muito obrigada por serem solícitos profissionais e corajosos.

Aos meus amigos de vida Thuíra Moreira, Daniel Bertuzzi, Rafael Ferreira e Ruleandson do Carmo, que durante todo o processo de produção desse trabalho me incentivaram e acreditaram mais em mim do que eu mesma.

As amigas que a graduação me trouxe Natália Assis, Flávia Olívia e Amanda Campos. Muito obrigada pelos melhores trabalhos, melhor apoio e acalento em momentos difíceis durante essa etapa. Não conseguiria formar sem a companhia de vocês.

Por fim, obrigada UFOP pela experiência dos quatro anos de graduação.

## RESUMO

Esse trabalho apresenta como objetivo analisar o significado da homossexualidade no âmbito do trabalho docente desenvolvido por professores gays atuantes em uma Universidade Federal. Foram realizadas entrevistas estruturadas com seis docentes homossexuais de uma Universidade Federal localizada no interior de Minas Gerais. Como instrumento para coleta dos dados foi elaborado um roteiro estruturado de entrevista contendo vinte perguntas direcionadas aos aspectos sociais relacionados ao perfil do indivíduo analisado e o trabalho docente. As entrevistas foram gravadas individualmente, durante o período de Março de 2017 e Março 2018. Para a análise das entrevistas, fez-se o uso da fenomenologia e do método fenomenológico que aborda a percepção dos sujeitos acerca de um fenômeno a luz de sua experiência de vida. Dessa forma, constataram-se seis unidades de sentido: a) A satisfação pessoal e a importância de se identificar com um grupo; b) Relutância da expressão da sexualidade com medo de retaliação no trabalho docente; c) Influência direta na autoaceitação com a aceitação dos pais; d) Crítica feita pelos docentes a utilização do termo “assumir” a homossexualidade; e) Forma de consumo do docente associada a classe homossexual; f) “Refugio” nos estudos e estabilidade de cargos públicos docente. Portanto, a presente pesquisa se faz relevante ao contribuir para os estudos organizacionais investigando as temáticas, homossexualidade e o trabalho docente, em uma perspectiva fenomenológica, que torna possível acessar a essência dos fenômenos.

### **Palavras chaves:**

Homossexualidade, Trabalho Docente, Fenomenologia.

## ABSTRACT

This paper aims to unveil the meaning of homosexuality in the context of the teaching work developed by gay teachers working at a Federal University. We conducted structured interviews with six homosexual teachers from a Federal University located in the interior of Minas Gerais. As a tool for data collection, a structured interview script was developed containing twenty questions directed to the social aspects related to the profile of the analyzed individual and the teaching work. The interviews were recorded individually during the period of March 2017 and March 2018. For the analysis of the interviews, it was made use of Phenomenology and the phenomenological method that approaches the perception of the subjects about a phenomenon in the light of their experience of life. In this way, five units of meaning were found: a) Personal satisfaction and the importance of identifying with a group; b) Reluctance of the expression of sexuality with fear of retaliation in the teaching work; c) Direct influence on self-acceptance with parental acceptance; d) Criticism made by the teachers the use of the term "assume" homosexuality; e) Form of consumption of the teacher associated with the homosexual class; f) "Refuge" in studies and stability of teaching positions. Therefore, the present research is relevant when it contributes to the organizational studies investigating the themes, homosexuality and the teaching work, in a phenomenological perspective, that makes it possible to access the essence of the phenomena.

### **Keywords:**

Homosexuality, Teaching, Organizations

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>2. Homossexualidade .....</b>	<b>11</b>
2.1 Identidade gay .....	11
2.2 Homossexualidade em organizações .....	14
2.3 Homossexualidade e o trabalho docente .....	15
<b>3. Sobre o método: Fenomenologia .....</b>	<b>17</b>
<b>4. Procedimentos metodológicos.....</b>	<b>18</b>
<b>5. Apresentação das análises de dados.....</b>	<b>21</b>
5.1 Unidades de sentido .....	21
5.2 Síntese das unidades de sentido .....	27
<b>6. Considerações finais .....</b>	<b>29</b>
<b>7. Referências bibliográficas.....</b>	<b>31</b>

## 1.Introdução

Na sociedade contemporânea, na qual vem se tornando de extrema importância o enfoque de debates acerca do contexto econômico, cultural e social relacionados à divisão sexual no trabalho, é imprescindível direcionar os estudos, análises e pesquisas a uma parcela com pouca visibilidade, representatividade e considerada quase inexistente na sociedade trabalhadora, os homossexuais (HETRINGER, HILLERBRAND e HETHERINGTON, 1990).

Dessa forma, na tentativa de atribuir voz aos homossexuais, esse assunto tem se tornado foco de debates, campanhas publicitárias, abordados em novelas, programas de televisão e discutidos em mídias sociais, mas a orientação sexual do indivíduo ainda é considerada um tabu social, no qual há preconceito e retaliação a essa parcela da sociedade. Conseqüentemente, esse ponto também se estende ao ambiente organizacional e, por mais que não seja tão claro e, muitas vezes velado, existe uma discriminação em relação à orientação sexual do indivíduo dentro das organizações.

Por estar inserido em uma sociedade na qual a orientação sexual se restringe apenas ao sexo ou construções padrões de gênero feminino e masculino, sendo esses direcionados a mulher e ao homem heterossexual, respectivamente, os indivíduos que não se enquadram nessas categorias são considerados profissionais inadequados para algumas organizações, ainda mais ligadas à docência.

Pocahy (2007) defende que a hierarquização das relações entre mulheres e homens, denominada de sexismos, e a homofobia são oriundas da sexualidade considerada apenas binária (homem e mulher).

Nesse sentido, o heterossexismo pode ser compreendido como um sistema ideológico que nega, denigre e estigmatiza qualquer forma não heterossexual de comportamento, identidade, relacionamento ou comunidade (SOUZA e PEREIRA, 2013).

Para Siqueira, Ferreira e Zauli-Fellow (2006) “esse sistema ideológico produz privilégios para pessoas que seguem as normas heterossexuais e exclui aquelas que não as seguem”. Esses privilégios incluem direitos civis para casamentos entre

heterossexuais, tratamento social não estigmatizado em razão de sua sexualidade, entre outros.

Sendo assim, é imposto a essa parcela da sociedade que se enquadre nessa normatização heterossexual para que possa conseguir uma oportunidade de ingressar no mercado de trabalho, muitas vezes, escondendo e omitindo informações da vida pessoal. Waldo (1999) afirma que as pessoas que manifestam sua sexualidade no trabalho são as que mais experimentam e sofrem com as situações de preconceito.

Esse tipo de exclusão que gera esses danos psicológicos advém de um comportamento preconceituoso, de virtude religiosa e social, no qual se tem como referência um indivíduo heterossexual, sendo qualquer comportamento fora desse padrão estabelecido considerado inaceitável.

Essa discriminação pode ser classificada como homofobia. Para Borillo (2010) a homofobia representa a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais.

Diante deste cenário de rejeição, emerge a importância de se investigar as percepções que os homossexuais possuem sobre o sentido do trabalho, os impactos decorrentes de tal aspecto, a relação com os colegas e tudo aquilo que engloba suas relações sociais. Especialmente, nesse trabalho, o fenômeno analisado será direcionado aos professores, do sexo masculino, homossexuais de uma Universidade Federal do interior do estado de Minas Gerais, sendo o objetivo principal desvelar o significado da homossexualidade por docentes gays atuantes em uma Universidade Federal.

Logo, objetiva-se analisar o significado da homossexualidade no âmbito do trabalho docente desenvolvido por professores gays atuantes em uma Universidade Federal. Para fim de esclarecimento, os termos “homossexual” e “gay” utilizados neste trabalho se referem exclusivamente ao homem que possua a orientação sexual e afetiva para com o ser humano do mesmo sexo biológico, não abrangendo o universo das lésbicas e demais orientações ligadas a diversidade. Tal opção por professores do sexo masculino, homossexuais, se justifica pela conveniência (acessibilidade aos dados) do pesquisador no processo de realização das entrevistas.

Para alcançar tal objetivo, foram entrevistados seis professores da instituição de ensino, de diferentes cursos e área de atuação. Como instrumento para coletar os dados foi elaborado um roteiro estruturado de entrevista contendo vinte perguntas direcionadas aos aspectos sociais relacionados ao perfil do indivíduo analisado.

Foi observada uma ordem sequencial padrão na hora da entrevista, mantendo a mesma para todos os entrevistados. O objetivo principal foi entender como o profissional homossexual se visualiza e suas experiências no âmbito do trabalho docente.

Para a análise das entrevistas, fez-se o uso da fenomenologia e do método fenomenológico que aborda a percepção dos sujeitos acerca de um fenômeno a luz de sua experiência de vida.

A opção por estudar a homossexualidade no âmbito do trabalho docente se deve a especificidade da realidade organizacional de uma Universidade Federal, na qual se produz conhecimento, trabalha-se para compreender e aceitar as diferenças, no entanto, não se pode deixar de notar resquícios do universo tradicional conservador do ambiente de ensino brasileiro. O trabalho docente deve preparar para o novo e diferente, mas suas estruturas metodológicas são arcaicas.

Diante disso, estrutura-se esse trabalho da seguinte configuração: a primeira parte é uma definição do que se entende por identidade gay, em seguida uma comparação entre a homossexualidade nas organizações em geral e um paralelo entre a homossexualidade e o trabalho docente, logo após uma apresentação da metodologia utilizada, que no caso se refere à fenomenologia e as entrevistas e análises obtidas através das respostas dos sujeitos de pesquisa.

Portanto, a presente pesquisa se faz relevante ao contribuir para os estudos organizacionais investigando as temáticas, homossexualidade e o trabalho docente, em uma perspectiva fenomenológica, que torna possível acessar a essência dos fenômenos.

## **2. Homossexualidade**

### **2.1 Identidade Gay**

Ao se falar em identidade gay, é necessário definir o que se entende por identidade. O conceito tem início em estudos da filosofia. “Considera-se que ela é construída, de forma dialética, entre a sociedade e o indivíduo, sendo um processo que inclui uma identificação própria e outra identificação reconhecida por outros” (MIRANDA, 2013, p. 14).

Quando associado à homossexualidade, a identificação em se reconhecer como “gay” não se limita apenas ao campo pessoal ou da percepção do outro. Abrange uma área maior, onde se leva em consideração uma carga social-histórica. A homossexualidade já foi considerada uma patologia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e não apenas uma forma de manifestação de identidade. Antes dos estudos do século XIX, a homossexualidade era vista como sadomia, pecado ou crime. Quem praticava atos sexuais com pessoas do mesmo sexo estava sujeito à punição (PRESTES e VIANNA, 2007).

Nesse período houve uma mudança de mecanismo de poder em relação ao sexo, saindo da hegemonia da Igreja e da lei, passando para a educação e ciência (GAGNON, 2006), dando assim uma nova visão sobre o tema.

Já por volta de 1950, os processos de industrialização, urbanização e desenvolvimento socioeconômico foram determinantes na configuração de identidades gays e lésbicas em diversos países, inclusive no Brasil (MOLINA, 2011). De acordo com Foucault (1988) a homossexualidade é uma criação da modernidade, uma nova categoria social.

Assim, várias teorias a respeito da formação de identidade homossexual vêm sendo elaborada desde a década de 70 (Cox e Gallois, 1996). Para compreender melhor essa identidade, as teorias desenvolvidas contextualizam com as dificuldades enfrentadas pelo indivíduo em seu âmbito pessoal inserido em um ambiente social geralmente hostil e contrário ao seu comportamento e percepção pessoal.

Dentre esse universo de teorias, para fins desse trabalho será abordado apenas o modelo de ‘estágios ou fases’ Cass (1979, 1984a, 1984b) apud (Silva 2007), pois já é uma teoria fortemente estabelecida no meio acadêmico.

O modelo de “estágios” e “fases” é uma das principais teorias fundamentais a respeito da identidade gay. Desenvolvido, em 1979, por Vivienne Cass, ele apresenta seis estágios (confusão, comparação, tolerância, aceitação, orgulho e síntese), não necessariamente sequenciais e lineares, em que um indivíduo passa durante o desenvolvimento da identidade homossexual. O modelo de Cass (1979, 1984a, 1984b) apresenta como o indivíduo se auto-categoriza como homossexual e as etapas em que ele segue para uma identidade gay afirmativa (SILVIA, 2007).

Os seis estágios do modelo de Cass (1979, 1984a, 1984b) apud Silva (2007):

1) Confusão de identidade: Esse estágio começa pela percepção da pessoa sobre ela mesma. O questionamento em ‘será que sou gay?’, faz parte dessa primeira etapa. As pessoas geralmente se sentem confusas, pois é nesse estágio que ocorre os primeiros pensamentos, sentimentos e atrações homossexuais.

2) Comparação de identidade: Nesse estágio a pessoa analisa as implicações existentes em se considerar homossexual. Ela relaciona as condições sociais aceitas na heterossexualidade, como ter filhos e o casamento, com a condição de se denominar homossexual. Muitas vezes pode se isolar ou acabar sofrendo com isolamento social quando externa sua sexualidade. Considera que a homossexualidade pode ser apenas temporária e direcionada a um homem/mulher específico. Apesar de sentir atração pelo sexo oposto, procura manter a identidade heterossexual por ser aceito mais socialmente.

3) Tolerância de identidade: O sujeito reconhece que ele não é o único que passa por essa questão de identidade sexual, então busca outras pessoas e grupos homossexuais para combater esse sentimento de isolamento social. Nesse processo ela pode experimentar diversos papéis estereotipados.

4) Aceitação de identidade: A pessoa atribui uma conotação positiva à sua identidade homossexual. Há um maior contato com a cultura gay e se sentem mais confortáveis em serem vistos com grupos de pessoas considerados homossexuais. A tarefa mais difícil nessa etapa é a de não aderir mais as normas heterossexuais da sociedade e ir contra a homofobia internalizada.

5) Orgulho de identidade: Nessa etapa, quando o indivíduo se entende e aceita como homossexual, ele se sente mais confortável para poder manifestar sua sexualidade. Não se preocupando mais em esconder ou “camuflar” qualquer comportamento que não seja condizente com o padrão heteronormativo (se relacionar publicamente com outro homem, por exemplo).

6) Síntese de identidade: Há uma integração entre a identidade sexual com todos os outros aspectos comportamentais do indivíduo. A orientação sexual se torna apenas uma parte e não a totalidade da identidade pessoal. A pessoa se sente “bem” em manifestar sua sexualidade e não se define apenas a partir da sua orientação sexual.

Logo, pode-se observar que a identidade gay envolve a evolução e transição por diferentes estágios de compreensão do indivíduo. Tal transição evidencia que o homossexual vai se reconhecendo ao no percorrer dos estágios.

Aprofundando a discussão sobre o homossexual, no tópico a seguir, analisa-se a relação entre o homossexual e as organizações.

## 2.2 Homossexualidade em organizações

Discutir homossexualidade nas dentro das organizações se trata de analisar barreiras encontradas por gays, lésbicas e bissexuais no ambiente de trabalho. Sendo as principais ligadas a homofobia, inapropriação de profissões para os homossexuais, estigmas sociais e estereótipos negativos (SIQUEIRA e FERREIRA, 2007).

Para analisar a discriminação que trabalhadores homossexuais sofrem no ambiente de trabalho, Ragins e Cornwell (2001) apud Souza (2009) realizaram uma pesquisa nos Estados Unidos da America, onde constataram que 25% e 66% de empregados homossexuais fizeram algum registro oficial junto às empresas por terem sido discriminados no trabalho. Um ponto que chamou atenção é que a maioria dos homossexuais, masculino ou feminino, não são assumidos no ambiente de trabalho, com isso, acredita-se que o número de discriminação registrado seja maior do que o constatado na pesquisa.

Ragins e Cornwell (2001) apud (Souza 2009) afirmam ainda que a maior percepção da discriminação de empregados, em razão de sua orientação sexual, se deve a cultura organizacional. Que embora possa existir as leis que resguardam legalmente os funcionários homossexuais são as práticas organizacionais ‘amigáveis’ em relação aos homossexuais que fazem o ambiente ser mais amistoso para os funcionários.

Há dois fatores que devem ser levados em consideração quando relacionamos homossexuais com ambiente organizacional: (1) empregados homossexuais tendem a esconder sua sexualidade no trabalho e (2) quanto maior a sensação de que há no trabalho discriminação e estigmatização baseada na sexualidade homossexual, mais provável é que os empregados homossexuais escondam sua orientação sexual (Herek, 1998). Ou seja, indivíduo homossexual para ser aceito na organização e não sofrer qualquer tipo de preconceito omite sua orientação sexual, não podendo assim manifestar sua sexualidade de forma natural, como acontece com o heterossexual.

Greenhaus, Parasuraman e Wormley (1990) reforça esse cenário de discriminação ao pontuar que há duas formas de preconceito no trabalho com homossexuais, sendo a primeira a discriminação no acesso e a segunda a discriminação no tratamento

Essa realidade de opressão nas organizações pode comprometer o desempenho no ambiente trabalho e a qualidade de vida do sujeito. Tendo-se analisado a relação da homossexualidade com o ambiente de trabalho, é necessário contextualizar com o ambiente acadêmico.

### 2.3 Homossexualidade e o trabalho docente

A escola em uma perspectiva histórica, como uma instituição educativa, não foi estruturada e planejada para administrar diferenças (LOURO 2004).

Desde sua estrutura inicial, o ensino era direcionado para quem possuía maior poder aquisitivo, excluindo mulheres e minorias do ambiente educacional e tendo um padrão voltado a atitudes morais e religiosas. E isso também contemplava o papel do professor. A origem da profissão docente é definida por dois momentos, primeiro, o sólido vínculo com a ética moral e religiosa e, segundo, a definição desses saberes pelas diretrizes estatais. Mesmo com a substituição da missão ou vocação para educar por um ofício ou profissão, seus vínculos com a moral religiosa não foram desfeitos (FRANCO, 2009).

Para Arroyo (2011) é pertinente dizer que a escola sempre foi um território de disputa, conflitos e de jogo de interesses, onde historicamente prevalecia a vontade da burguesia.

Diante desse contexto, consegue-se associar com estrutura educacional que se tem atualmente que o professor é visto como uma imagem de exemplo, tendo que representar a moral e bons costumes para servir de modelo para seus alunos.

‘Mestre exemplar’ e ‘modelo a ser seguido’ são as imagens que definiram a figura inicial do docente, responsável pela conduta de seus alunos e encarregado de que as virtudes e comportamentos aprendidos fossem levados para além dos limites da escola (FRANCO, 2009).

Desse modo, um profissional que foge desse padrão esperado, sendo homossexual, por exemplo, rompe com a estigma esperada e o que entra em questão não é mais a qualidade do seu trabalho, mas a imagem e a influência que a sua orientação sexual pode ter em relação aos seus alunos.

Ao analisar a estrutura educacional, percebe-se que o diverso não fez parte do arranjo escolar, sendo esse ambiente um reflexo das desigualdades existentes na sociedade.

Ao se considerar a escola como um reflexo da sociedade questiona-se como esse ambiente insere professores homossexuais. Apesar de ser um ambiente onde seriam possíveis o aprendizado e a conscientização em relação às diferenças, a escola tende a reproduzir as desigualdades sociais.

Para Molina (2011), os debates de temáticas referentes à diversidade sexual e aos direitos sexuais nas escolas necessitam de suporte de políticas públicas na área da educação e de mobilizações sociais que objetivem desestabilizar a produção de hierarquias, opressões e padrões heteronormativos, que histórica e culturalmente moldam as relações de gênero.

Em 2004, o governo federal brasileiro lançou um programa denominado “Brasil sem Homofobia”, com o objetivo de combater o preconceito contra a população LGBT. O material ficou, pejorativamente, conhecido como “kit gay” e o governo federal, pressionado pelo conservadorismo finalizou o projeto.

Nesse caso tem-se um exemplo de preconceito e barreira que, mesmo com o apoio do governo, o homossexual tem que enfrentar na sociedade. Em 2004 a UNESCO divulgou uma pesquisa em que apontam atitudes homofóbicas e heterossexistas no ambiente escolar. A partir disso, vemos a importância de políticas públicas que abordem a diversidade sexual no ensino para que haja menos preconceito (CASTRO, ABRAMOVAY E SILVA, 2004).

Mas esse debate sobre gênero e sexualidade não deve ficar restrito apenas ao ensino secundarista. Em seu estudo, Altmann (2013) argumenta que as universidades possuem mais autonomia do que as escolas secundaristas e que seria a partir do debate de temas como esse no ambiente acadêmico que conseguiria fomentar novas iniciativas, projetos e conscientização social. Ela ainda ressalta que os cursos superiores pouco contemplam os estudos de gêneros sexuais e sua diversidade, negligenciando assim um assunto que deveria ser tratado no ensino superior. Uma justificativa para que isso ocorra é devido a “estrutura mais fixa e tradicional dos cursos de formação superior também dificulta mudanças nos currículos, inclusive no que se refere à inclusão de conteúdos que são providos de certa maleabilidade.

Em virtude aos pontos que foram levantados, o referencial teórico foi empregado como base para a formulação do roteiro estruturado utilizado para a realização das entrevistas que foram coletadas serão apresentadas nesse trabalho a fim de se aproximar sem pré-concepções da essência do fenômeno homossexualidade e trabalho docente.

Na sequência, apresenta-se algumas considerações acerca da fenomenologia que apresentam elementos teóricos que dão suporte a compreensão do método fenomenológico de pesquisa utilizado para análise dos dados coletados junto aos docentes.

### **3. Sobre o método: Fenomenologia**

Para a análise desse trabalho foi escolhido o método fenomenológico, no qual analisa a subjetividade, o modo de vida do sujeito. Um estudo sobre a essência e não a aparência do fenômeno. Como apresentado por Gil (2015) o que se busca alcançar com esse método é a consciência do sujeito mediante a expressão de suas experiências internas. Para a fenomenologia, um objeto é como o sujeito o percebe, devendo, portanto, ser estudado sem interferência de qualquer regra de observação. Assim, tanto um objeto concreto quanto uma sensação, uma recordação ou uma crença, devem ser estudados tal como o são para o espectador.

De acordo com Dartigues (2008), o termo foi utilizado pela primeira vez em um texto de autoria de Johann Heinrich Lambert (1728- 1777), com o sentido de teoria da ilusão sob suas diferentes formas.

Em 1770, Emanuel Kant (1724-1804), retoma o vocábulo falando de *phaenomenologia generalis*, para indicar a disciplina propedêutica que deveria preceder à metafísica. (SIANI, CORREIA E CASAS, 2016).

Posteriormente, em 1972, Kant volta a reutilizar o termo na Carta a Marcus Herz, dando um sentido mais rigoroso, de forma mais crítica: analisar a estrutura do sujeito e das funções do espírito, ele estabelece que o conhecimento se reduz ao que aparece, ou seja, fenômenos (LIMA, 2014).

A fenomenologia é, desse modo, uma metodologia e corrente filosófica que afirma que tudo que podemos saber sobre o mundo resume-se aos fenômenos da consciência e que devem ser estudados em si mesmos. A fenomenologia auxilia a investigação de aspectos da existência que os métodos tradicionais já existentes nas ciências humanas não contemplam. Principalmente quando relacionado a experiência vivida no mundo do cotidiano social.

Dessa vertente filosófica, tem-se o método fenomenológico. Epistemologicamente, o método fenomenológico opõe-se à visão de sujeito e objeto isolados, passando a considerá-los como correlacionados, já que a consciência é sempre intencional. O método centra-se no homem, especificamente, na análise do significado e da relevância da experiência humana. O ponto inicial da investigação fenomenológica é a compreensão do viver (BOAVA e MACEDO, 2008).

O método fenomenológico proposto por Edmund Husserl (1859-1938) tem como propósito compreender o mundo como fenômeno, e descreve a fenomenologia como um retorno a consciência, retorno este no qual o pesquisador se despe de preconceitos, crenças e pressupostos construídos, questionam-se as certezas imediatas, ou seja, aquilo que nos parece ser 'evidente', buscando a essência pura do fenômeno (CARVALHO, NASCIMENTO e SOARES, 2012).

O propósito de Husserl foi de reestabelecer a identidade da filosofia, tentando recuperar a metodologia filosófica, onde sai do campo apenas da opinião (doxa) com o objetivo de atingir o conhecimento seguro (episteme). A fenomenologia surge no contexto marcado pela predominância das ciências naturais, onde o método científico praticado (positivismo) havia enfraquecido tanto o historicismo quanto a identidade da filosofia do século XIX (CARVALHO, NASCIMENTO e SOARES, 2012).

De acordo com Moreira (2002) o método fenomenológico enfoca os fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. O que interessa é a experiência vivida no mundo.

Diante dessas orientações adotadas para a realização da pesquisa, descreve-se, na sequência, os procedimentos metodológicos adotados.

#### **4. Procedimentos metodológicos**

Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa foi qualitativa, que entendesse por uma abordagem que não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização ou o que for o objeto de pesquisa. Como apresentado por Gerhardt e Silveira (2009) os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois tem foco na compreensão e explicação das relações sociais.

Foram entrevistados seis professores homossexuais de uma Universidade Federal de Minas Gerais, sem distinção de curso e/ou tempo de trabalho dentro da organização. Sendo assim, cada indivíduo possui características pessoais que distingue um do outro.

Ao classificar por curso, foram entrevistados dois de jornalismo, um de administração, um de arquitetura, um de serviço social e o último de artes cênicas. A faixa etária está entre 25 e 37 anos. Todos são professores da mesma instituição, havendo apenas variação no campus, departamento e cidades que atuam profissionalmente.

Para participar da pesquisa era necessário que os professores fossem membros da mesma universidade, homossexuais e que se sentisse à vontade para tratar sobre o assunto. Os sujeitos foram selecionados: 1) Através de indicação de alunos que conheciam a orientação sexual do professor e que o mesmo tivesse interesse pelo tema da pesquisa; 2) Técnica “bola de neve”: Foi solicitado aos sujeitos entrevistados indicação de colegas de trabalho para participarem também da pesquisa.

Aos professores que foram indicados por alunos e colegas de trabalho, houve um primeiro contato feito pelos indivíduos que já conheciam o profissional, informando sobre a pesquisa e a disponibilidade em participar da mesma. Após a confirmação, os professores foram procurados pela pesquisadora para que as entrevistas fossem realizadas. Aos professores que a pesquisadora conhecia, foi feito um convite para os mesmos a respeito da realização da entrevista.

Somente participaram da pesquisa os profissionais que permitiram essa aproximação e autorização a utilização das informações coletadas. Todos foram informados sobre o objetivo do trabalho e o intuito das entrevistas realizadas.

Como instrumento para coletar os dados foi elaborado um roteiro estruturado de entrevista contendo vinte perguntas direcionadas aos aspectos sociais relacionados ao perfil do indivíduo analisado e as questões interligadas ao trabalho docente, sendo respeitada uma ordem sequencial padrão na hora da entrevista, mantendo a mesma para todos os entrevistados.

As entrevistas foram gravadas individualmente, durante o período de Março de 2017 e Março 2018. Com duração média entre trinta e cinquenta minutos cada.

Perguntas realizadas na entrevista:

1. - Como o gay lida com a autoaceitação?
2. - Qual influência das relações com os pais para a autoaceitação?
3. - Por que as pessoas relutam em assumir a homossexualidade?
4. - A sexualidade humana é uma questão de “opção”?
5. - O ambiente social influencia no comportamento sexual do indivíduo?
6. - Qual é o perfil que o gay deve se adequar para ser aceito na sociedade?
7. - Existe influência do machismo no comportamento do homossexual?
8. - Quais grupos existem dentro da homossexualidade?
9. - Quais são os estereótipos dentro do grupo gay?
10. - Existe preconceito de gênero dentro do grupo homossexual?
11. - Há distinção no tratamento social entre gays mais “afeminados” e gays com um comportamento mais másculo no âmbito do trabalho docente?
12. - Como é a forma de consumo dos homossexuais?
13. - Por que a homossexualidade incomoda tanto as pessoas? Incomoda os alunos?
14. - Como o homossexual lida com o preconceito constante da sociedade? Com a homofobia e tanto discurso de ódio.
15. - Como a Universidade aceita o docente homossexual dentro de sua estrutura?
16. - Qual maior preconceito que um homossexual enfrenta no âmbito do trabalho docente?
17. - Os docentes homossexuais assumem cargos/áreas de chefia no âmbito de seu trabalho na Universidade?
18. - Os gays se preocupam em se destacar no trabalho docente para “provar” que são tão capazes quanto aos heteros?
19. Existe alguma forma de acabar com o preconceito contra homossexual?
20. Você já sofreu algum preconceito no ambiente de trabalho?

Através das perguntas pode-se conhecer a opinião e a percepção do entrevistado em relação ao fenômeno de pesquisa. O foco principal foi direcionado em como o profissional homossexual significa suas experiências nas relações com colegas de trabalho, alunos e a sociedade no ambiente docente.

Além de perguntas mais particulares sobre como é a percepção do entrevistado em relação ao próprio “ambiente gay” e a relação entre os homossexuais. O objetivo das perguntas era conseguir entender e conhecer vários aspectos da vida pessoal e profissional, através de um diálogo onde o entrevistado se sentisse mais à vontade para conversar sobre o tema e chegar a questão do trabalho docente, sempre preocupando em buscar depoimentos mais verdadeiros e com o máximo de detalhes possíveis para que fosse maior a compreensão das estruturas subjacentes ao discurso.

Os entrevistados foram organizados da seguinte forma:

E1 – Docente do Curso de Administração

E2 – Docente do Curso de Arquitetura

E3- Docente do Curso de Artes Cênicas

E4 – Docente do Curso de Serviço Social

E5 – Docente do Curso de Jornalismo

E6 – Docente do Curso de Jornalismo

As entrevistas foram gravadas por processo digital e, em seguida, transcritas. Foi assegurado aos sujeitos de pesquisa anonimato.

Para análise de dados, empregou-se o método fenomenológico de Sanders (1982) sugere que é importante que as palavras exatas dos sujeitos de pesquisa estejam registradas para uma melhor análise. Tal método pode ser descrito, em linhas gerais, em três etapas:

1. Determinação dos limites de do que e de quem deve ser investigado. Nesse trabalho, trata-se respectivamente de homossexualidade e trabalho docente sob a ótica de seis docentes de uma Universidade Federal.
2. Coleta de dados: ocorre através de entrevistas com um roteiro estruturado;
3. Análise fenomenológica dos dados: leitura e descrição geral dos depoimentos, identificação das unidades de sentido (estrutura significativa do fenômeno), seguida por sua interpretação.

Observa-se que a abordagem fenomenológica de Sanders (1982) contempla todo o processo de pesquisa e, não somente, a análise de dados. E a redução fenomenológica esta presente em todo processo de interpretação visando extrair a essência dos fenômenos encoberta pela aparência. A redução fenomenológica conduz o pesquisador ao caminho para suspensão das pré-concepções na busca para se chegar as coisas mesmas.

## **5. Apresentação e análise dos dados**

### **5.1 Unidades de Sentido**

A partir da análise fenomenológica realizada, foi possível identificar cinco unidades de sentido:

- a) A satisfação pessoal e a importância de se identificar com um grupo;
- b) Relutância da expressão da sexualidade com medo de retaliação no trabalho docente;
- c) Influência direta na autoaceitação com a aceitação dos pais;
- d) Crítica feita pelos docentes a utilização do termo “assumir” a homossexualidade;

- e) Forma de consumo do docente associada à classe homossexual;  
 f) “Refugio” nos estudos e estabilidade de cargo público docente.

Para exposição dos dados categorizados, apresentam-se fragmentos das entrevistas transcritas.

### **Unidade de sentido 1 – A satisfação pessoal e a importância de se identificar com um grupo**

<b>Frases</b>	<b>Depoimento</b>
“Mas em minha opinião acho que o gay começa a ter uma autoaceitação quando ele toma consciência de que é algo que ele não está sozinho, que ele não é o único, que há outras pessoas que passam pela mesma situação. Então com isso ele começa a não se sentir tão sozinho, começa a poder achar grupos de identificação. Isso contribui para a aceitação, visto que na maioria dos casos a família não costuma ser o suporte inicial”.	E1
“No meu caso, essa ‘autoaceitação’ veio depois que eu comecei a conviver com gays, a entrar nesse mundo, nessa cultura. Conhecer essas pessoas e eu pude notar que havia muita coisa em comum e que isso me trazia uma alegria muito grande. Uma coisa que eu não tinha antes, sabe?! Então fui me conhecendo, me entendendo”.	E2
“Eu nunca tinha beijado antes porque o meio em que eu vivia me discriminava, então quando eu tinha 20 e poucos anos, quando comecei a fazer estágio na TV UFMG, que convivi com diversos gays assumidos, que diziam realmente que eram gays e tinham relações homoafetivas sem preconceito, sem medo, foi quando eu percebi que “ser gay” é normal. Só quando convivi com outras pessoas que não discriminavam que eu pude viver de fato a minha sexualidade”.	E5

Nessa unidade de sentido tem-se que, por mais que o homossexual, no percurso da vida, não se reconheça nos padrões heteronormativos, por não ter outra referência, acaba se sentindo diferente dos demais, mas ao se reconhecer em um grupo que tem um comportamento semelhante ao que ele teve em toda a sua vida, acaba se enxergando e entendendo que existem outras possibilidades e isso auxilia na compreensão sobre ele mesmo. Ao se relacionar com outros gays, existe uma “identificação” na qual o indivíduo se reconhece parte desse grupo e uma satisfação por, depois de tanto tempo, fazer parte de um círculo em que há pessoas semelhantes a ele.

Um dos entrevistados passou anos da sua vida sem manifestar sua sexualidade, pois sofreu preconceito desde muito novo, mas ao conhecer pessoas que se autodeclaravam homossexuais, o mesmo conseguiu entender que, como ele mesmo afirma, “é normal ser gay”.

Nessa análise pode-se relacionar com a etapa “4) Aceitação de identidade” desenvolvida por Cass (1979, 1984a, 1984b) apud Silva (2010), na qual há uma conotação

positiva à sua identidade homossexual e um maior contato com a cultura gay, sentido-se mais confortáveis em serem vistos com grupos de pessoas considerados homossexuais

## **Unidade de sentido 2- Relutância da expressão da sexualidade com medo de retaliação no trabalho docente**

<b>Frases</b>	<b>Depoimento</b>
“Então acho que as pessoas relutam em expressar sua sexualidade justamente por receio de retaliação”. (...)”no meu departamento, por exemplo, tem um funcionário gay que é mais afeminado, que fala mais abertamente sobre sua sexualidade e as pessoas fazem piadas dele pelas costas. Não comentam na frente dele, mas fazem comentários. Inclusive tem outro colega de trabalho que é bem machista, tanto com mulheres quanto com gays. Ele já tentou articular para que esse colega gay fosse transferido para outro setor. Basicamente por preconceito. Acho que quando você tem um comportamento menos afeminado você consegue disfarçar e com isso é um alvo mais difícil desse tipo de assédio moral”.	E1
“Acho que o principal fator é o medo, o medo de ser discriminado, medo de ficar sozinho, de ir contra a sua família, contra o que grande parte da sociedade acredita”.	E2
“Principalmente ao risco de assédio moral, segundo lugar é o medo de ser expulso de casa e em terceiro as agressões físicas”.	E3
“Mas acredito que haja uma relutância pelo preconceito mesmo, pelo receio de não ser aceito, eu por exemplo quando disse para algumas pessoas, foi há uns 11 anos atrás que comecei a me entender como gay e a dizer isso para as outras pessoas, teve gente que se afastasse, dissesse coisas preconceituosas”. ““(...) Eu não faço parte do mercado privado e sim do público, então não existe uma diferenciação de salário. Mas percebia que os cargos de chefia não costumam ter gays. Posso dar exemplos da minha experiência, quando trabalhei em outra instituição, era o mais qualificado, tenho pós-doutorado, a maioria da equipe ainda estava no mestrado, tenho maior tempo de carreira na área, trabalho com jornalismo a 12 anos mas nunca tive nenhum cargo de chefia, nem fui convidado ou cogitado para ocupar tal cargo. Se fosse olhar todos meus trabalhos e currículos, eu seria o melhor para o cargo. Vejo isso também no mercado privado”.	E5

Muitas pessoas, por mais que tenham certeza da sua orientação sexual, preferem evitar se expressar para que não sofram nenhum tipo de preconceito no ambiente profissional. Nas respostas analisadas, um dos entrevistados pontua a questão do “medo” de ficar sozinho devido ao preconceito sofrido.

Outro entrevistado vivenciou um afastamento real de pessoas ao se manifestar como gay. Afirmando, assim, que ao se declarar como homossexual, o indivíduo adquire um novo status social, sofrendo as consequências dessa escolha.

Mesmo atuando no ambiente organizacional público, o docente não é reconhecido profissionalmente por suas qualificações, mas sim discriminado por sua orientação sexual.

Como apontado por Greenhaus, Parasuraman e Wormley (1990), existe duas formas de preconceito no trabalho com homossexuais, sendo a primeira a discriminação

no acesso e a segunda a discriminação no tratamento, pode-se perceber que esse preconceito realmente existe e já foi vivenciado pelos entrevistados.

### Unidade de sentido 3- Influência direta na autoaceitação com a aceitação dos pais

Frases	Depoimento
“Então acho que é uma influência grande, mas não é determinando, não é a única influencia. Ajuda muito a tornar o processo mais fácil até porque se estamos falando de auto aceitação, geralmente um heterossexual não precisa passar por essa reflexão de se aceitar hetero, então o homossexual ainda passa por essa questão de ter que se auto aceitar porque ele não é aceito externamente. Quando os pais já oferecem um suporte, um apoio a tendência é que o caminho se torne menos árduo para o homossexual se aceitar, já que a sociedade não o aceita, que comece com uma aceitação interna”.	E1
“Quando os pais te aceitam do jeito que você é, é muito mais fácil. Você se sente mais seguro, te dá mais força para você enfrentar essas questões iguais à do preconceito, da intolerância das pessoas”.	E2
“A aceitação, para mim, você não sai do “0” e vai para “100%” à noite. Voce vai se aceitando aos poucos. Primeiro você tem que se aceitar, acho que isso é 80%, mas a gente sabe que a opinião dos outros é importante para a gente, para dizer quem somos, e principalmente da opinião dos nossos pais. Então a influência dos meus pais foi esses 20% restantes que faltava para eu me sentir feliz e aceito, não só por mim, mas por todo mundo. Depois que eles aceitaram foi só alegria”.	E3
“(..)aqueles que eu percebo que há uma aceitação por parte da família, há uma disposição maior de se dizer homossexual mais cedo, há uma forma de relação mais próxima do parceiro desse homossexual com a família, mas na experiência isso são caso muito isolados”.	E4
“Eu só posso falar da minha experiência, mas o que eu percebo de forma geral é que se os pais forem preconceituosos, tem muito pai que fala que prefere que o filho seja bandido a gay, meu irmão também é homossexual e minha mãe já disse isso para ele, sobre ele, entendeu!? Minha mãe já disse recentemente para mim, por telefone, que gays eram mais baixos que prostitutas. Então isso influencia, sabe!? Você tem que ter uma autoestima muito forte, um autoconhecimento muito forte para você não se abalar com esse tipo de rejeição dos próprios pais”. “(…)Eu tenho um amigo, por exemplo, que demorou muitos anos para ele aceitar que as pessoas falassem que ele era gay porque os pais, os irmãos todos são casados, tem um relacionamento heterossexual, ele também queria ter uma família heteronormativa, digamos assim. Para ele, se fosse chamado de “gay”, era como se ele colocasse um “fim” nesse sonho dos pais de constituir uma família “tradicional”. Então ele já chegou a estabelecer relacionamento heterossexual para se enquadrar nas expectativas dos pais”.	E5

Apesar de não ser um fator condicionante, a aceitação dos pais está ligada a autoaceitação do indivíduo em relação a sua orientação sexual. Os homossexuais conseguem lidar melhor com a situação e com o preconceito quem sofrem nas ruas. Pois, encontram carinho e reforço positivo em relação ao que são.

Um dos entrevistados reforça que a aceitação dos pais não é a maior parte responsável para a aceitação, mas tem relação direta pra que isso aconteça. Ele deixa claro

isso ao fazer um comparativo usando porcentagem. Por mais que a aceitação dos pais seja apenas “20%”, contribui para que a autoaceitação seja 100%. Ao se sentir confortável para se expressar dentro do ambiente familiar, o homossexual se sente mais acolhido e incentivado a manifestar sua orientação sexual como preferir em seu ambiente de trabalho.

Um dos entrevistados cita um exemplo pessoal e o que acontece com um amigo. Em ambos os casos, o preconceito existente dentro do ambiente familiar é notório e, no caso do amigo, faz com que o mesmo não se aceite e tente se enquadrar no padrão heterossexual para suprir a expectativa da família.

#### **Unidade de sentido 4 – Crítica feita pelos docentes pela utilização do termo “assumir” a homossexualidade**

<b>Frases</b>	<b>Depoimento</b>
De novo, eu só queria trazer uma reflexão a cerca desse termo “assumir a homossexualidade”, parece com “assumir algo”, como se tivesse que confessar o que eu fiz de errado, ‘assumir’ nesse sentido parece que tem uma conotação negativa porque ninguém precisa se assumir heterossexual, a gente pode repensar esse termo e pensar em troca-lo para “Por que as pessoa relutam em expressar sua homossexualidade”, eu acho que seria um termo mais bacana”.	E1
“Primeiro que eu acho que nem todo mundo reluta em se “assumir gay”, porque ninguém precisa se “assumir”. Não vejo necessidade de chegar em um grupo de pessoas e dizer que eu sou gay, assim como o heterossexual não chega em um lugar e diz qual é sua orientação. O que acontece é que alguns homossexuais têm receio de manifestar sua orientação sexual”.	E5

Como ressaltado pelos entrevistados, quando se é heterossexual não existe essa necessidade de se comunicar tal fato, uma vez que é considerado “natural” todo mundo ser heterossexual e o diferente ser homossexual. Existe uma expectativa que, ao ser homossexual, a pessoa tenha que se “revelar” ou demonstrar através seus jeitos, a sua orientação sexual. Como a orientação sexual não influencia diretamente para a prática da docência, não haveria necessidade do profissional se autodeclarar homossexual no ambiente de trabalho.

Como apresentado no referencial teórico a identidade homossexual seria apenas uma de uma série de identidades incorporadas no indivíduo, isto é, a definição que o sujeito tem de si mesmo. Sendo assim, ao se comparar com os relatos dos entrevistados, a identidade gay é apenas mais uma parte da vida do indivíduo e não a parte principal ou exclusiva de sua identidade pessoal, não sendo necessário assim se utilizar de métodos para tornar pública a sua orientação sexual para a sociedade.

## Unidade de sentido 5 – Forma de consumo do docente associada ao grupohomossexual

Frases	Depoimento
<p>“É um grupo muito grande, muito diversificado e com práticas de consumo distintas. O que eu posso dizer é que há uma certa “tendência” a uma maior quantidade de homossexuais que não costumam constituir família no sentido de “ter filhos”, então isso possibilita eles maiores possibilidades de consumo relacionados a itens voltados para o vestuário, acessórios e viagens. Então dentro do grande e diversificado grupo de homossexuais, acredito que há uma tendência maior voltada ao consumo de roupas de marca, relógios mais caros, realizações de viagens, justamente por esse maior desprendimento em relação a filhos que não é tao comum”.</p>	E1
<p>““Eu acho que esse padrão de consumo esta diretamente vinculada a inserção de classe onde o sujeito esta, então se eu to na classe trabalhadora que recebe um salario mínimo, vou ter um padrão de consumo, vou frequentar determinados lugares, determinadas boates, diferente de outras pessoas que tem acesso mais privilegiado”.</p> <p>“(…)Eu percebo que isso tem uma variabilidade muito grande, eu conheço a comunidade LGBT de belo horizonte e de recife que foi onde eu morei, então vai depender, né!? Hoje em dia sou casado e concursado, tenho estabilidade financeira e meus gastos mudaram um pouco nos últimos anos devidos a esses fatores”.</p>	E4
<p>“Acho que existe mais diferenciação por renda. Alguns tipos de roupa, objetos, domésticos, marcas de roupas em geral. Não todos, mas os gays, geralmente, costumam ser mais vaidosos do que o hétero. Acredito que o gasto do gay pobre é similar ao hetero pobre, só muda o tipo de ambiente que frequenta.”</p> <p>“(…)Hoje em dia tenho a segurança do meu salário como funcionário público. Tenho meu apartamento, meu carro próprio, consigo fazer planos”.</p>	E5
<p>“A forma de consumo dos homossexuais são formas de consumo como qualquer outra pessoa. Ele vai consumir aquilo que ele vai se identificar, no grupo que ele faz parte”.</p> <p>“(…)O homossexual pode consumir tanto produto dito masculino, quanto ditos femininos. Hoje em dia o consumo homossexual aumentou porque as empresas viram um nicho de mercado para essas pessoas. Muito dos homossexuais são mais vaidosos, cuidam do corpo, compram coisas mais caras dependendo do grupo que ele é inserido. Da vivencia que ele teve durante a vida, então existem diversas formas de consumo”.</p>	E6

Assim como no comportamento de consumo dos heterossexuais, o consumo dos homossexuais está mais ligado ao ambiente, a classe econômica que pertencem e as pessoas que convivem do que associado diretamente a orientação sexual.

Na análise das entrevistas dos docentes destaca o ponto em que, como a maioria dos homossexuais não constituiu uma família com filhos, sua renda financeira tem outros fins, como lazer, itens mais caros, viagens e etc. O que não distingue da forma de consumo de um heterossexual igualmente sem filhos.

A estabilidade financeira que o cargo público proporciona também é pontuada pelos docentes, uma vez que se tem a certeza da renda fixa mensal, o profissional consegue adquirir bens e uma qualidade de vida melhor.

Como destacado por um dos entrevistados, algumas empresas viram nos homossexuais um novo nicho do mercado a ser explorado, então são criados produtos e direcionados campanhas específicas para esse tipo de grupo, mas isso não significa que o homossexual irá consumir apenas esses produtos. Isso é totalmente comercial.

### Unidade de Sentido 6 – “Refugio” nos estudos e a estabilidade do cargo público docente

Frases	Depoimento
“Quanto aos gays que são abertamente gays, há uma tendência à ocupação de cargos públicos ou ocupações ligadas ao mercado da beleza, da estética e até ao sexo”.	E1
“Mas comigo foi assim, foi só na fase adulta. Quando era adolescente eu só ficava estudando justamente para não pensar nisso, entendeu?”.	E3
“Eu tenho amigos que, por causa do preconceito, acabaram se fechando muito, eu me enquadro nesse tipo, que buscaram no estudos uma forma de encontrar um lugar”.	E4
“Por exemplo, estou empregado e as vezes apresento um telejornal, estou em frente às câmeras, mas isso em uma instituição pública. Não acho que eu teria esse destaque se fosse uma instituição privada. Ainda mais o homossexual afeminado, que é explícito a orientação sexual dele”.	E6

Nessa unidade de sentido tem-se que, através dos fragmentos retirados das entrevistas, os indivíduos buscam nos estudos e no serviço público docente uma forma de ‘encontrar um lugar’.

Como em organizações privadas o indivíduo fica mais vulnerável em relação a demissão por preconceito a sua orientação sexual, o gay vê no ambiente público um lugar seguro para poder trabalhar e não ser demitido.

#### 5.2 Síntese da unidade de sentido

Pontua-se que, mesmo sendo realizadas as mesmas perguntas e na mesma sequência para todos os sujeitos de pesquisa houve posicionamentos diferentes sobre alguns tópicos, mas em outros existiu uma similaridade nas respostas.

Para alguns, se “entender” como gay foi mais fácil, levando em conta relações familiares e contextos sociais que vivenciaram, para outros demorou mais tempo.

Nos relatos vemos que não se é necessário expor de forma enfática a orientação sexual, uma vez que ela faz parte da identidade do indivíduo e não um fator limitante a sua identidade pessoal. Ao compararmos as análises feitas a partir das respostas dos entrevistados com as etapas apresentadas no modelo de Cass (1979, 1984a, 1984b) apud Silva (2010), observa-se que há bastante semelhança com o que foi vivenciado pelos

docentes e as etapas presentes no modelo. Também é possível analisar que, como apresentado por Cass, cada indivíduo vivenciou algumas ou até todas as etapas, mas de forma diferente, o que já era esperado.

Quando se fala do consumo associado à orientação sexual do indivíduo, a maioria ressaltou não existir distinção entre heterossexual e o homossexual, o que vai diferir independente da orientação será a classe social, ambiente e grupo de convive. A estabilidade financeira proporcionada pelo cargo público tem impacto direto na forma de consumo de algum dos entrevistados.

Também foi pontuado o fato de utilizar o tempo “assumir a sexualidade”, uma vez que não veem como necessário um indivíduo declarar sua orientação sexual no ambiente acadêmico. Outro ponto, é que o medo de sofrer preconceito e hostilização por colegas de trabalho faz com o indivíduo não se sinta à vontade para manifestar sua sexualidade no meio social, mas quando encontra apoio no ambiente familiar, mesmo esse não sendo parte necessária para a autoaceitação, essa situação se torna menos dolorosa. Se identificar com grupos também faz com que o homossexual se sinta mais acolhido e confortável com a sua orientação. Uma vez que a sociedade heteronormativa faz com que o mesmo sinta que tem algo de errado com ele.

Para se afirmar no âmbito docente e tentar evitar qualquer preconceito, o homossexual encontra no estudo e na carreira de professor de instituições públicas um conforto para conseguir trabalhar e melhorar sua formação. Mesmo sendo mais qualificado, algumas vezes, devido ao preconceito, o docente que expressa sua homossexualidade no ambiente de trabalho, acaba não tendo o reconhecimento merecido quando surgem oportunidades de acessão na carreira por indicação, como cargos de confiança.

## **6. Considerações finais**

Na introdução do trabalho foi apresentado um parâmetro geral sobre os estudos realizados tendo como tema a “homossexualidade” e assim destacar a importância de se debater sobre essa temática. O objetivo principal desse trabalho foi desvelar o significado da homossexualidade por docentes gays atuantes em uma Universidade Federal e para alcançar o objetivo foram realizadas entrevistas com seis professores dessa organização.

Ao longo do estudo foi apresentado o que se entende por “identidade gay” e realizado um paralelo entre “homossexual e as organizações em geral” e outro em relação a “homossexual e o trabalho docente”, para assim, contextualizar com o tema analisado. Vale mencionar que o método fenomenológico de investigação trabalha com a suspensão de pré-concepções acerca do fenômeno investigado, redução fenomenológica. Logo, a revisão de literatura é mais empregada à luz desse método para fins de elucidação do estado da arte acerca da pesquisa e não como base para análise de dados.

As entrevistas foram realizadas com os professores e a análise das respostas foi realizada através do método fenomenológico e constataram-se seis unidades de sentido: a) A satisfação pessoal e a importância de se identificar com um grupo; b) Relutância da expressão da sexualidade com medo de retaliação; c) Influência direta na autoaceitação com a aceitação dos pais; d) Crítica à utilização do termo “assumir” a homossexualidade; e) Forma de consumo associada a classe que o sujeito pertence. Essas unidades foram interpretadas e resultaram em uma síntese, na qual pode se perceber a influência da aceitação dos pais para a autoaceitação, a importância de se identificar pertencente a um grupo e ao fato de como o preconceito limita a expressão da homossexualidade do indivíduo.

Apesar de ter sido utilizado o mesmo roteiro de perguntas para todos os entrevistados, houve algumas especificidades a depender de sua experiência de vida em relação às respostas realizadas pelos sujeitos de pesquisa. Deste modo, ao retomar o objetivo proposto, tem-se que significado da homossexualidade por docentes gays abrange questões como a autoaceitação, relatos de experiências pessoais e identidade de gênero.

O estudo conseguiu identificar que existem alguns fatores que diferenciam o ambiente acadêmico público. Como pontuados nos relatos, alguns professores que atuam em cursos específicos percebem uma maior aceitação em relação a questão da orientação sexual. Apenas um professor entrevistado alegou que no ambiente de trabalho ele nega sua orientação sexual por medo de retaliação.

A principal limitação dessa pesquisa foi justamente o ponto em conseguir voluntários que aceitassem conversar abertamente sobre sua orientação sexual. Houve então uma expectativa inicial que houvessem mais docentes dispostos a contribuir, mas durante a execução do trabalho foi percebido um êxito e dificuldade em conseguir participantes. Sendo assim, a quantidade de docentes foi menor do que o esperado.

Apesar do fator limitante em relação a quantidade de entrevistados, um dos pontos que essa pesquisa contribui é para reafirmar como ainda é um tabu discutir sobre homossexualidade mesmo em um ambiente acadêmico. Apesar de ser um assunto socialmente mais aceito nos dias atuais, as pessoas ainda hesitam em debater sobre ele com receio que aconteça alguma exposição indevida.

A importância de se debater sobre esse tema é que ele seja discutido e trabalhado de forma mais “natural”, onde até mesmos os professores consigam dialogar sobre isso sem receio de algum tipo de retaliação.

O trabalho se faz relevante ao contribuir para os estudos organizacionais investigando as temáticas, homossexualidade e o trabalho docente, em uma perspectiva fenomenológica, que torna possível acessar a essência dos fenômenos.

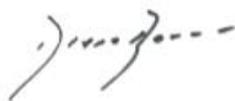
## 7. Referências bibliográficas

- ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, (13), 69-82, 2013.
- BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F.. Análise fenomenológica do ensino de administração no curso de turismo da UFOP. **Sinergia**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 19-26, jan./jul. 2008.
- BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CARVALHO, A.F., NASCIMENTO, Y. F., SOARES, M. J. N. O Método Fenomenológico de Edmund Husserl. In: **Anais VI Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade**. São Crsitovão, SE Brasil, 2012.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. e SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidade**. UNESCO, Brasília, 2004.
- COX, S. GALLOIS, C. Gay and Lesbian Identity Development: a social identity perspective. **Journal of Homosexuality**, v. 30, n. 4, 1996.
- DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** Trad.de Maria Jose J.G. de Almeida. São Paulo: Ed.Centauro, 2008
- FERREIRA, R. C.; SIQUEIRA, M. V. S. O gay no ambiente de trabalho: análise dos efeitos de ser gay nas organizações contemporâneas. In: **Anais do ENANPAD**, 31., Rio de Janeiro, 2007
- FRANCO, N. **A Diversidade Entra na Escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamount, 2006.
- GERHARDT, T. E. (Org.) ; SILVEIRA, D. T. (Org.) . **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. v. 1. 120 p .
- GIL, A. C. **O método fenomenológico na pesquisa em administração**. Caderno de Pesquisa Pós-Graduação Imes, São Caetano do Sul,v.4, n.8, p.33-42, 2003.
- GREENHAUS, J. H., PARASURAMAN S., WORMLEY M. Effects of Race on organizational Experiences, Job Performance Evaluations, and Career Outcomes. **The Academy of Management Journal**. Vol. 33, No. 1 (Mar., 1990), pp. 64-86.
- HEREK, G. M. Stigma, prejudice, and violence against lesbians and gay men. In: GONSIORREK, J. C.; WEINRICH, J. D. **Homosexuality: research implications for public policy**. Newbury Park: Sage, 1991, p. 60-80.
- HETHERINGTON, C.; HILLERBRAND, E.; ETRINGER, B. D. Career Counseling with Gay Men: issues and recommendations for research. **Journal of Counseling and Development**, v. 67, n. 8, p. 452-454, abr. 1989.
- LIMA, M.B.A. **Ensaio sobre fenomenologia**. Ilheus: Editus, 2014
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MIRANDA, D. **A construção da identidade do oficial do exército brasileiro**. Dissertação de Mestrado. PUC-RIO, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2013.
- MOLINA, L. P. P. **A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual**. Londrina: Antíteses, v. 4, p. 949-962, 2011.

- MOREIRA, D. A. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Thompson Pioneira, 2002.
- POCAHY, F. Um mundo de injúrias e outras violações. Reflexões sobre a violência heterossexual e homofóbica a partir da experiência do CRDH rompa o silêncio. In: POCAHY, F. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.
- PRESTES, E. A.; VIANNA, T. **História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo**. In: LOBATO, W.; SABINO, C. V. S. S.; ABREU, J. F. (Org) Iniciação científica: destaques 2007 Volume 1, Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2008.
- SANDERS, P. Phenomenology: a new way of viewing organizational research. **Academy of Management Review**, v. 7, n. 3, pp. 353-360, 1982.
- SIANI, S. R.; CORREA, D. A.; LAS CASAS, A. L. Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida. **Revista de Administração da UNIMEP**. v.14, n.1, Janeiro/Abril – 2016.
- SILVA, A. N. N **Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado**. Tese de Doutorado. PUC-RIO, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2007.
- SIQUEIRA, M. V. S.; FERREIRA, R. C.; ZAULI-FELLOWS, A. **Gays no ambiente de trabalho: uma agenda de pesquisa**. In: ENANPAD, 30., 2006, Bahia. Trabalhos Apresentados. Salvador: Anpad, 2006.
- SOUZA, E. M. **Sexualidade e trabalho: estudo sobre a discriminação de homossexuais masculinos em bancos públicos**. Tese de Doutorado. UFES, Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Vitória, 2009.
- SOUZA, E. M.; PEREIRA, S. J. N. (Re)produção do heterossexismo heteronormatividade nas relações de trabalho. **RAM**, V. 14, N.4. São Paulo. JUL./AGO. 2013. p. 76-105.
- WALDO, C. R. **Working in a majority context: a structural modelo of heteroxism as minority stress in the workplace**. *Journal of Counseling Psychology*, v. 46, p. 218-232, 1999.

## DECLARAÇÃO

Certifico que a aluna **Anne Porto Souza**, autora do trabalho de conclusão de curso intitulado **“A HOMOSSEXUALIDADE NO ÂMBITO DO TRABALHO DOCENTE: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO EM UMA UNIVERSIDADE FEDERAL”**, realizou as correções sugeridas pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.



---

**Professor DSc. Diego Luiz Teixeira Boava**  
Orientador

Mariana, 25 de Julho de 2018.

/